

O ensino durante e pós-pandemia no Brasil: relatos de experiência na docência superior

Maria-Maria Martins Silva Stancati¹

3

Resumo

Este artigo de opinião se presta a desenhar um panorama no ensino remoto durante a pandemia através da experiência em sala de aula remota de março/2020 até junho/2022 através de depoimentos colhidos dos alunos do curso de direito, do terceiro ao oitavo período. Para tanto foi utilizado a metodologia de pesquisa empírica com métodos quantitativo e qualitativo. Analisando os dados percebe-se que quatro grupos de alunos são visualizados, dentre os quais três se adequaram ao ensino remoto, preferindo-o em detrimento ao presencial e apenas um grupo necessita da aula presencial. Dentre os pontos positivos do ensino remoto se encontram a redução de gastos com transporte, alimentação, além da qualidade de vida relacionada a ausência de tempo de trânsito e proximidade com a família. Assim, este modelo de ensino se mostra viável na realidade atual tendo a manter-se presente mesmo no mundo pós-pandemia.

Palavras-chave

Ensino remoto; desafios; metodologias de ensino.

Recebido em: 19/10/2021
Aprovado em: 31/03/2023

¹ Doutora e Mestre em Direito, Professora de Direito Civil e de Registros Públicos na graduação e pós-graduação lato sensu e na Escola Superior de Advocacia (ESA) – Niterói. Vice-presidente da Comissão de Direito Notarial e Registral da Associação Brasileira de Advogados (ABA) /RJ.
e-mail: mmstancati@gmail.com

Teaching during and after the pandemic in Brazil: experience reports in higher education

Abstract

This opinion article provides an overview of remote teaching during the pandemic through the remote classroom experience from March/2020 to June/2022 through testimonials collected from law school students, from the third to the eighth period. For that, the methodology of empirical research with quantitative and qualitative methods was used. Analyzing the data, it can be seen that four groups of students are visualized, among which three are suitable for remote teaching, preferring it to face-to-face teaching and only one group needs face-to-face classes. Among the positive points of remote learning are the reduction in expenses with transportation, food, in addition to the quality of life related to the absence of transit time and proximity to the family. Thus, this teaching model proves to be viable in the current reality, tending to remain present even in the post-pandemic world.

Keywords

Remote teaching; challenges; teaching methodologies.

O ensino sempre despertou curiosidade na minha vida. Desde pequena eu desejava ser professora. Com olhos curiosos e de admiração via os professores espalhando o conhecimento e esperanças, sonhos, alegrias, uma possibilidade de vida melhor pois a mudança verdadeira ocorre com a educação.

Nela barreiras não somente físicas são rompidas, mas a barreira intelectual. A escravidão do desconhecimento dá lugar à liberdade do perguntar. A curiosidade para a mover o dia a dia e o conhecimento traz a reflexão nas atitudes diárias. Assim a educação transforma vidas, famílias, bairros e cidades.

Tive uma formação variada. Educação de escola pública com comprometimento e sem comprometimento, de escola particular humanista e de uma universidade fria. Cursei Direito, um curso doutrinário por excelência, onde o conhecimento era puramente transmitido por livros e aulas monótonas.

Pensei em ser uma professora diferente, no estilo *professora maluquinha* como no livro de Ziraldo. Mas será que o Direito comportaria alguém tão diferente. Assim aventurei. Ainda na modalidade “cuspe e giz”, mas buscando a prática da atuação. Ensinava pesquisa no Direito, como interpretar um artigo, como ler as leis, como marcar o código.

Comecei a buscar assuntos do interesse de cada turma, de acordo com a realidade do alunado, e percebi, que muitas vezes, eles eram carentes de livros, de alfabetização, de interpretação de texto, de leitura, mas também carentes de carinho, afeto, reconhecimento e muitas vezes de ‘arroz com feijão’.

O ambiente e horário da sala de aula era o único momento de contato com a matéria que comporia sua carreira. Não tinham tempo para ler uma doutrina, para praticar num estágio, às vezes nem para revisar o caderno pois acordavam às 5h da manhã para trabalhar, cuidar da casa e à noite cursar Direito.

Essa realidade corrói a alma do professor pois o faz querer trazer o máximo de informação no menor prazo de tempo para que eles possam se sentir seguros nessa caminhada. A realidade faz pensar em empatia, solidariedade, humanidade e alternativas para a metodologia de ensino nua e crua do Direito.

Utilizando uma metodologia construtivista, a sala de aula se transformava num grande palco em que os alunos eram os atores principais, desenhando no quadro negro seu dia a dia, transmutando a experiência rotineira num saber especializado. Eles simplesmente amam esse aprendizado numa metodologia ativa sem rótulos.

Mas já surgia rumos da obrigatoriedade do uso de metodologia ativa de ensino no Direito, em que o aluno era para ser o centro do estudo. Gamificação, Brainstorm, Socrative, Mentimeter, Design Thinking, TBL, PBL... Tantas ferramentas tecnológicas e minha ferramenta era analógica. Havia necessidade de mudança, mas como? Num cenário de alunado tão carente, como a tecnologia poderia ser utilizada?

Essas indagações já rompiam a mente quando, de repente, inicia o lockdown. Num dia estávamos em sala, juntos. No outro o vírus impedia a socialização, o espalhar do saber. Num primeiro momento o medo toma conta de quanto tempo teríamos que ficar em quarentena, e mais ainda, como seria o ensino dali para frente.

Dentro de uma semana, na universidade em que leciono, promoveu cursos de novas tecnologias para os professores, nova sala de aula virtual e um ambiente inovador de trabalho foi apresentado: o computador. A tão renegada aula a distância virou atividade hodierna.

É óbvio que transformar o ensino do Direito, algo tão rígido, numa forma mais fluída requereu uma mudança nos professores, alunos e próprias universidades em sua ferramenta de ensino. A quarentena somente acelerou um movimento que

foi iniciado com a popularização da internet. A rede mundial não é somente composta de rede social, mas de conhecimento difundido.

Nesse primeiro momento, nem o alunado sabia como assistir às aulas, menos ainda os professores em como proceder sem quadro e giz. As 'bruxas estavam soltas'! O professor poderia não ter percebido a importância de seu papel como transmissor do conhecimento e construtor de mentes, pois agora, sua influência transpassava as paredes de sua sala, mas conquistava o mundo (literalmente).

Nesse momento a observação do que ocorria, de como tudo mudou me fez pensar em analisar o cenário de modo empírico, até porque o campo de pesquisa estava do outro lado da tela, a meu alcance. Assim, durante dois anos colhi dados, observei reações, perguntei, perguntei, perguntei, analisei, categorizei, e após ministrar aulas em 31 (trinta e uma) turmas de forma síncrona telepresencial para 2.303 (dois mil e trezentos e três alunos), de quase todos os Estados do Brasil², pude chegar as seguintes conclusões:

De 'Prof' à Digital Influencer³, de computador 'basição' só com Word para computador gamer com placa de vídeo com aceleração gráfica, WebCam full HD, microfone de lapela, Whiteboard, revestimento acústico no ambiente, fundo de vídeo, mestre das tabelas, formulários e iluminação do ambiente. As aulas precisam ser divertidas, chamativas, como um canal de entretenimento.

O professor teve a necessidade de se reinventar no modo de ensinar. Os mais acelerados e inovadores acharam seu lugar. Não querem outra vida! É mais simples projetar vídeos, músicas enquanto a aula não se inicia, conteúdos, criar grupos de trabalho, organizar provas com correção automática utilizando a inteligência artificial. É tão mais simples!

² Tive alunos desde o Acre até o Rio Grande do Sul pois algumas aulas eram nacionalizadas ocorrendo em sete, oito, às vezes nove campus de forma simultânea, além de absorver alunos que estavam no exterior, mas assistindo a aula com matrícula em algum campus do Brasil.

³ Utilizo essa expressão pois as aulas poderiam estar em canais do Youtube, serem vendidas como cursos em plataformas próprias, os shorts ou reels agora são disseminados sem limites, E uma informação, que antes se fechava entre quatro paredes, hoje pode se tornar viral.

E os professores analógicos? Entraram em pânico! Alguns literalmente. Não sabiam como ligar os computadores, utilizar o programa de aula teletransmitida, enquadrar a câmera, agendar tarefas, criar provas no formato de formulários, quiçá que existia um quadro branco para escrever. Pediam que a prova fosse feita à mão e enviada por foto.

Essa pandemia mostrou os dois tipos de professores existentes⁴: a) Analógicos: desesperados pelo retorno das aulas presenciais pois não se adaptaram ao novo modelo de ensino e b) Digital: que não sabem mais como ministrar uma aula presencial sem o apoio das tecnologias.

A resiliência foi posta à prova no ano de 2020 e nos dois seguintes. Eram professores, alunos, universidade e familiares tentando compreender a nova forma de ensino. Mas será que era realmente nova esta forma? Bom, ela já existia há algum tempo, mas foi renegada pois não se conhecia outra realidade.

No momento em que a quarentena se instala, e com o passar dos dias sem previsão de retorno houve a necessidade de baixar a resistência pelas novas tecnologias no ensino. Vocábulo como aulas síncronas e assíncronas tornou linguagem comum. EAD, Telepresencial, crédito digital; realidades do cotidiano. Saudosistas preferiam a sala analógica; Vanguardistas, o inovador. Uma polaridade se instalou.

Mas, e o alunos? Conseguiram se adaptar ao novo modelo de ensino? Igualmente ao que ocorreu com os professores, a polaridade foi inserida levando-se, também, em consideração um fator: a classe social e o poder econômico⁵.

⁴ Essa categorização foi feita com base na observação e conversa com os colegas de trabalho, nos campus universitários da cidades de Niterói e Alcântara, embora, vários desses professores lecionassem em outros municípios do Rio de Janeiro pela mesma universidade, externavam a observação dos analógicos e digitais, inclusive, com muita reclamação dos alunos aos professores que não se adaptaram à plataforma.

⁵ As observações sobre os alunos ocorreram ao longo de dois anos ministrando aula síncronas telepresenciais para trinta e uma turmas, num contingente de dois mil trezentos e três alunos, em sala com até cento e noventa e sete alunos, de todos os Estados do Brasil.

Em sala de aula presencial não se fazia necessária a existência ou não de computador em casa, celular com capacidade de dados 4G, wifi com alta taxa de transmissão, porque o professor era o provedor do conhecimento. O aluno, apenas, precisava chegar ao local da aula e estar presente.

Agora era necessário separar um cômodo da casa para assistir as aulas, ter um fundo mínimo e se certificar de que ninguém atravessasse a sala pelado enquanto sua câmera estava aberta, ter um computador com câmera, microfone, bom hardware, internet compatível. Todas essas mudanças num cenário, muitas vezes, de carência do arroz com o feijão.

Os primeiros meses de 2020 (considerando que no Brasil o ano só começa depois do Carnaval, logo em março!) foram de muita resiliência, compras de insumos de informática, de aprender a conviver com a própria família. Mudou-se o mundo, a vida, o modo de conectar internamente e externamente.

No início de 2021, após as adaptações mais bruscas terem sido realizadas pode-se fazer um balanço do ensino via Telepresencial. Na visão dos alunos⁶, alguns preferem retornar ao estudo presencial analógico. Relataram dificuldade em se concentrar no ambiente familiar pois havia muitas interferências, além de não terem o aparato tecnológico necessário.

Neste momento percebe-se a distância existente entre as camadas sociais, onde, mais ainda, a renda familiar, os bens de consumo e em especial o número de cômodos na casa fez diferença no ensino de modo a afastar o aluno do seu objetivo da educação. Neste exemplo a educação não foi efetiva, não agregou nem transformou, pelo contrário, distanciou um aluno do outro. Este é o grupo denominado Básico⁷ a ser relatado.

⁶ Utilizando os relatos de meus próprios alunos, levando em consideração meu número máximo de turmas num semestre Telepresencial que foi onze (equivalendo a mais de 700 alunos). Algo que nunca ocorreria no ensino presencial, em especial por conta do tempo de deslocamento entre um campus e outro.

⁷ Criei as nomenclaturas dos grupos com base na análise da situação através de perguntas, em quase todas as aulas, sobre os impactos do ensino remoto com a colheita de dados orais.

Um grupo intermediário (Intermed. 1) conseguiu fazer do seu lar seu abrigo em todos os sentidos. Separou um canto da sala, quarto ou até da cozinha para estudar. Criou regras durante o tempo de aula e como eles mesmo relatam, conseguem ter um tempo de qualidade com a família. Entre uma aula e outra, há abraços, afagos, cafés, almoços. Dizem que se não fosse pelo Telepresencial não poderiam estudar neste momento.

Um segundo grupo intermediário (Intermed. 2) conseguiu conciliar o trabalho e o estudo. Este é o grupo cujo trabalho foi considerado essencial e por isso não puderam parar durante a quarentena. Ou ainda, trabalhadores que foram retornando gradualmente. Muitos deles assistem as aulas no trabalho, no estágio com a permissão do padrão; e veem esta situação como algo positivo posto que não precisaram investir um computador ou internet.

Há ainda um grupo mais beneficiado com esta situação, os Privilegiados. Eles detêm situação socioeconômica melhor, casa com mais cômodos, aparatos tecnológicos e estão aproveitando das aulas Telepresenciais para assistir, inclusive como ouvintes em várias matérias, buscando os melhores professores em qualquer campus da universidade.

Apesar de serem quatro grupos, três deles se adaptaram plenamente ao ensino remoto (Intermed. 1 e 2 e Privilegiados) e apenas um não se adaptou (Básicos). Os três grupos entendem que no retorno das atividades pode ser utilizada de forma híbrida mantendo algumas disciplinas no ensino remoto, com os professores que melhor se adequam a plataforma e no ensino presencial, as matérias práticas e os professores analógicos.

Em todos os grupos percebe-se um ponto em comum: o custo-benefício do ensino remoto. Apesar do aumento na conta de luz e da necessidade de equipamentos eletrônicos, ocorreu uma redução nos gastos com transporte e alimentação, além de conseguir passar mais tempo com a família.

E, mesmo as alunas mães, com todas as dificuldades existentes, ainda sim, muitas preferiram o ensino remoto. Apontaram a possibilidade de estar com os filhos enquanto fazem o jantar⁸, limpam a casa, lavam louça. Sem falar que a casa passou a ficar mais belas com as inúmeras plantas que foram cultivadas na quarentena.

Num primeiro momento, ficou claro e evidente a carga do teletrabalho para as mulheres e mães posto que os vários papéis que já exerciam, agora eram vistos. O trabalho invisível de cuidar da casa, filhos, pais, idosos que residem no lar tomou forma e voz nas redes sociais havendo maior sensibilização deste lugar de fala.

Juntamente com a exposição do invisível resta explícito a conscientização que a casa é responsabilidade de todos. Assim, para que os empregos possam ser mantidos, um rodízio nas tarefas domésticas deve ser desenhado com base no equilíbrio. E, aos poucos, várias famílias foram se adaptando, e criando rotinas, dividindo obrigações.

Dizer que a pandemia impactou somente no ensino é fechar os olhos para a realidade. A pandemia impactou na estrutura social e familiar de cada um. A possibilidade de ter acesso à educação passou a ser diretamente relacionada à vida doméstica.

Retornando aos grupos acima mencionados, no grupo Básico, verifica-se a maior evasão de alunos, mas também de profissionais no mercado de trabalho, pois sem a rede de apoio não poderiam trabalhar ou estudar. Assim, em sua maioria mulheres, tiveram que deixar seus empregos para cuidar do lar.

⁸ Muita de minha carga horária é composta de turmas diurnas e noturnas com alunos em faixa etária desde dezoito anos até sessenta, setenta anos. Nas turmas diurnas, em geral é composta por jovens, e nas turmas noturnas, a composição é acima dos quarenta anos.

Já os grupos Intermed. 1 e 2 e Privilegiados, puderam manter-se em três situações: a) sem o emprego mas continuando os estudos; b) com o emprego posto que eram da categoria essencial; c) trabalhando de home office.

Quanto aos desempregados, a educação somente pode ser mantida por conta do corte nos gastos de transporte e alimentos. Em relação aos empregados de categoria essencial e home office, a possibilidade de assistir as aulas de casa, no trajeto casa-trabalho, usando pijama e economizando com transporte e alimentação foi de grande valia para se manter matriculados na universidade.

Outro ponto em comum relatado foi a despreocupação com a violência urbana e qualidade de vida com relação ao tempo de estudo, visto que o tempo de trajeto entre universidade-casa agora era utilizado para estudo pessoal.

Diante de todos os relatos que pude colher nesses, dois anos de ensino remoto, percebe-se que o medo às novas formas de ensino encontra-se superado pois há um discernimento que o mundo mudou e com ele a forma de ensinar e de viver.

Contudo, a barreira socioeconômica ainda é um fator importante na escolha entre o ensino remoto ou presencial pois a dificuldade não é somente financeira, mas de entendimento no uso das novas tecnologias aliadas a educação. Apesar do mundo estar disponível no celular, eles não sabem usar a ferramenta.

Referências

BAPTISTA, Bárbara Gomes Lupetti. Pesquisa empírica no Direito: obstáculos e contribuições. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 2008, Porto Seguro-BA. 26. **Anais** - Desigualdade na diversidade. Brasília: ISBN: 978-85-61341-16-9, 2008. p. 1 - 20. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/index.htm. Acesso em: 20 dez. 2015.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FILGUEIRAS, Márcio de Paula. Alguns aspectos das relações entre doutrina e prática jurídica e suas implicações para o estudo etnográfico do direito brasileiro. *In: Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XVI, n. 114, jul. 2013. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13457&revista_caderno=24. Acesso em 24 mar 2015.

KANT DE LIMA, Roberto. **Sensibilidades jurídicas, saber e poder**. Disponível em: <http://www.uff.br/ineac/sites/default/files/02-anuarioantropologico-robortokant.pdf>. Acesso em 12 ago. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LYRA FILHO, Roberto. **O Direito que se ensina errado** (sobre a reforma do ensino jurídico). Brasília: Centro Acadêmico de Direito da UNB, 1980.

LYRA FILHO, Roberto. **O que é Direito**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos - 62).

MACHADO, Máira Rocha. Contra a departamentalização do saber jurídico: a contribuição dos estudos de caso para o campo do direito e desenvolvimento. *In: SILVEIRA, Vladmir Oliveira da; SANCHES, Samyra Naspolini; COUTO, Monica Bonetti. Direito e Desenvolvimento no Brasil do Século XXI: Livro 1*. Brasília: Ipea: CONPEDI, 2013b. p. 177-200. (Desenvolvimento nas Ciências Sociais - o estado das artes). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_direito_desenvolvimento_brasil_vol01.pdf. Acesso em: 20 dez. 2015.

MACHADO, Máira Rocha. Pesquisa Empírica em Direito: os limites dos métodos e o ganho dos debates públicos. **Pensando O Direito**, Brasília, n. 50, p.80-89, 2013a. Volume Especial.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 17-34. (Coleção os Pensadores).